

INFÂNCIA E DIVERSIDADE CULTURAL: O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA NO SUL DA BAHIA

Maricélia de Souza Pereira¹
Elis Cristina Fiamengue²

INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado ao projeto “O estudo da problemática da educação nas comunidades quilombolas do Sul da Bahia” aprovado no edital FAPESB 004/2007 que objetiva: mapear o acesso à educação formal das populações quilombolas no sul da Bahia e verificar as condições de implementação das políticas públicas de educação básica nessas comunidades através da elaboração do perfil educacional das comunidades. Assim, estamos desenvolvendo um projeto de Iniciação Científica que pretende identificar e compreender as representações das crianças das comunidades quilombolas situadas no sul da Bahia.

Dessa forma, com essa comunicação nos propomos a discutir a socialização que se efetiva nessas comunidades através da compreensão das percepções e elaborações representativas das crianças neste contexto bastante específico.

Atualmente, a luta pela regularização da terra é uma das principais metas dessas comunidades e embora a luta pelo espaço de sobrevivência e reprodução da vida simbólica seja histórica, também é histórico o descaso do Estado no sentido de efetivar tal regularização.

É a partir da Constituição Federal de 1998, quando o governo brasileiro reconhece a legitimidade do domínio dos remanescentes de quilombos que essa realidade começa mudar, e despontam no cenário nacional atores sociais até então silenciados e despossuídos em termos de direitos.

Estes indivíduos têm reunido esforços no sentido de lutar por uma cidadania historicamente negada e conseqüentemente contribuem para o fortalecimento da cultura ao potencializar seus valores, costumes, hábitos e modos de viver.

Nesse sentido, pode-se falar em um processo de construção e reconstrução de uma identidade quilombola uma vez que envolvidos na dinâmica que compõe o social estes sujeitos não permaneceram nem permanecem estáticos no tempo e é nesse contexto que a socialização das crianças se efetiva.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: marywash@hotmail.com

² Professora do Departamento de Ciências da Educação da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Orientadora do projeto “As representações infantis numa comunidade quilombola do Sul da Bahia”. E-mail: eliscf@gmail.com

Logo, torna-se necessário perceber e compreender tanto a diversidade quanto as especificidades da infância que se constrói num contexto tão específico e singular.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Brasil é um país formado por diversos povos e culturas. Carril em seu livro “Terras de Negros: herança de quilombos” destaca que por ser um país de contrastes e diferenças sociais de caráter excludente, pode-se falar na existência de vários Brasis (Carril, 1997).

Nesse contexto, de tamanha diversidade, se reafirma a existência das comunidades de remanescentes de quilombos, “grupos sociais afrodescendentes trazidos para o Brasil durante o período colonial, que resistiram ou, manifestamente, se rebelaram contra o sistema colonial e contra sua condição de cativo, formando territórios independentes”. (Fundação Palmares, 1998).

O decreto 4.887 de 2003 referenda como remanescentes de quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critério de auto-atribuição, história própria, dotados de relações territoriais específicas com presunção de ancestralidade relacionada à resistência a opressão histórica sofrida.

A luta pelo reconhecimento e titulação das terras das comunidades negras quilombolas está presente desde os anos da escravidão e permanece em demasia nos dias atuais. Presente em todo território brasileiro, essas comunidades vivem um momento de reconhecimento e titulação de suas terras tal como referenda o decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 da Constituição Federal de 1988.

Pode-se afirmar que muitas especificidades caracterizam estes grupos. Além de viverem no campo, são negros de origem escrava que ao longo dos anos cultivam uma condição diferenciada de viver. Estes indivíduos ainda mantêm hábitos, costumes e modos próprios da sua cultura, dentre eles, o trabalho comum em territórios independentes que determina um tipo diferenciado de relação com a terra.

Considerando o conceito de cultura em Geertz, o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu “(Geertz, 1978). Dessa forma, a cultura está relacionada com a formação pessoal dos indivíduos e sua estruturação enquanto pessoa.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que, a criança que vive no contexto das comunidades quilombolas será fortemente influenciada pela forma de vida dos

indivíduos que ali residem e nesse processo serão tecidos significados determinantes para sua estruturação enquanto pessoa.

Assim, esse processo de socialização será marcado pelas especificidades que marcam a vida na comunidade e fomentará o surgimento de uma nova infância, a infância quilombola.

Admite-se, portanto que a infância é uma categoria construída socialmente e nessa construção a criança assume o lugar de sujeito dinâmico e produtor de cultura.

Sobre esta questão Perrotti assina-la que:

...longe de ser apenas um organismo em movimento, como de resto de qualquer faixa etária, a criança é também alguém profundamente enraizada em um tempo e um espaço, alguém que interage com estas categorias, que influencia o meio onde vive e é influenciado por ele. (Perrotti, 1990).

Nesse sentido, é correto afirmar que a infância se caracteriza pela diversidade cultural e as especificidades sociais que determinam a socialização do ser infantil, logo, traz a marca da pluralidade.

Em se tratando do processo de socialização, Florestan Fernandes (1961) afirma que a socialização infantil caracteriza-se como um processo informal de educação e é uma transmissão de experiências e conhecimentos cotidianamente, durante a vida interativa dos indivíduos. Cabe ressaltar que, socializar não é transformar a criança no adulto, mas é partir de um modo próprio de ser e estar no mundo determinado pela condição de ser criança que estas aprendizagens são construídas.

Fiamengue enfatiza que o processo de socialização transforma o ser bio-psicológico em ser social e conseqüentemente insere o homem em sua cultura. Logo, as representações elaboradas pelas crianças estão baseadas na cultura da qual fazem parte, incorporada por um processo de aceitação (Fiamengue, 1997).

Para Vygotsky (1999) é no contato com indivíduos mais experientes da cultura que a criança internaliza os valores culturais do seu grupo, logo as vivências com o grupo social do qual se faz parte são imprescindíveis para que essas elaborações aconteçam.

Assim, a infância se constitui a fase privilegiada da vida do indivíduo, pois é neste momento que ocorre a interiorização da exteriorização das estruturas sociais.

A compreensão das representações que as crianças têm da realidade assume relevância significativa, visto que resultam do processo de incorporação da cultura, tal como elaborado por Geertz. (Geertz, 1978).

METODOLOGIA

A abordagem qualitativa é aqui adotada como procedimento metodológico mais adequado e lança mão de técnicas que permitiram entender amplamente o processo de socialização que se desenrola neste contexto rural marcado por especificidades.

Realizamos visitas às comunidades e encontros semanais durante todo período de realização do projeto a fim de estabelecer um diálogo entre o campo teórico e prático.

Para assegurar o caráter das análises, as quais deverão seguir o rigor científico e favorecer uma compreensão do rural desvinculada de preconceitos, a observação sistemática com registro em diário de campo compôs o mosaico das técnicas utilizadas no trabalho. Estes registros permitiram relembrar fatos e acontecimentos, exercício este que enriqueceu as análises até então realizadas.

Por compreender que as relações sociais promovem um conjunto de interações que são construídas socialmente, utilizamos a técnica de história de vida. Esta possibilitou um entendimento mais amplo e profundo do contexto em que se desdobram essas relações. Com esta técnica se buscou, ainda, compreender o sentido que os moradores das comunidades atribuem à terra e a visão que têm sobre a vida na comunidade.

Os objetivos do projeto implicam na compreensão deste contexto e posterior captação das elaborações representativas das crianças. Dessa forma a pesquisa assume um caráter de extrema importância, pois se propõe a ouvir esse público silenciado historicamente através da coleta de desenhos infantis de temas variados.

Admite-se, portanto a perspectiva cultural para adentrar no mundo das elaborações representativas das crianças e captar suas percepções.

Fiamengue (1997) sublinha que tal técnica tem sido empregada com sucesso por pesquisadores que abordam o universo infantil, tanto na antropologia, como na

sociologia, pois demonstram como é possível captar o universo simbólico infantil a partir de desenhos.

Consideramos tal como Florestan Fernandes (1961) ao afirmar que a infância é uma fonte preciosa para compreensão de processos de mudança social no que se refere à desarticulação, permanência e reconstrução.

AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS A PARTIR DO OLHAR DOS ADULTOS

Os primeiros meses de envolvimento no projeto foram dedicados à compreensão do contexto da pesquisa. Nesse período foram estabelecidos contatos com as comunidades e posteriormente realizamos visitas àquelas pertencentes aos municípios de Itacaré e Marauá, municípios que estão localizados no Sul da Bahia. Os encontros semanais com o grupo de pesquisa fomentaram discussões acerca da temática. Participamos ainda de alguns eventos importantes para estas comunidades.

As primeiras visitas permitiram perceber como é significativo o desconhecimento das comunidades rurais, seus costumes, modos e hábitos tanto por parte do governo como da população de modo geral.

Tal aspecto foi percebido por hora da realização das viagens à campo quando, as poucas informações que chegavam eram imprecisas ou inexistentes. É válido ressaltar que este desconhecimento fortalece o preconceito duplo a que estão submetidos estes grupos sociais, quais sejam, por serem negros e rurais.

O difícil acesso a essas comunidades fora outro aspecto identificado como peculiar a estes grupos. Se por um lado entendemos que, a busca por lugares distantes e de difícil acesso determinou a condição de ser e existir dos negros que fugiam para os quilombos, já que era utilizada como estratégia de luta e resistência, por outro, a condição atual de isolamento dos grupos quilombolas contemporâneos, devido às péssimas condições das estradas que são, em sua maioria, de chão, denuncia a inexistência de políticas públicas voltadas ao atendimento das necessidades básicas de sobrevivência destes indivíduos.

A luta pela regularização de suas terras, outra característica das comunidades visitadas, marca o início de uma crescente busca por melhores condições para viver. E essa luta se define pelo conflito que envolve proprietários, fazendeiros e quilombolas.

O atendimento às comunidades no que se refere aos direitos básicos, quais sejam, educação, saúde, moradia, emprego/renda, transporte ainda não aconteceu. Tal fato revela o descaso do Estado. Embora estes direitos sejam assegurados pela lei, pode-se afirmar que os quilombolas seguem na invisibilidade social.

A participação na Cerimônia de posse do Conselho Quilombola de Itacaré, um evento de extrema importância para as comunidades quilombolas deste município, favoreceu a compreensão dessa realidade.

A fala do conselheiro de uma das comunidades, o Srº Delcique, ao afirmar que *“a luta é pela busca de um lugar no próprio mundo”* revela a profundidade da situação histórica de desfavorecimento social, cultural e econômico dos negros no país. Assim, ao lutar por uma terra carregada de significados que define a identidade quilombola, luta-se também pela cultura, sua manutenção e fortalecimento. Esse lugar de que fala o Sr. Delcique, aqui no Brasil, é um lugar negado historicamente à população negra.

Nos primeiros momentos da pesquisa um fato se impõe como realidade concreta nas comunidades: a negação da cultura destes grupos negros rurais através do descomprometimento do Estado, que até então não tem cumprido seu papel, em se tratando da promoção do desenvolvimento sustentável das comunidades quilombolas.

Desenvolver políticas de permanência é a forma de potencializar a produção e reprodução da cultura das comunidades negras rurais. Esse entendimento está claro em comunidades que já se encontra em um grau maior de organização interna. Quando interrogado sobre aquilo que é mais necessário na comunidade, seu Delcique destaca que *“são as políticas de permanência no campo”*.

Nesse sentido, pode-se perceber que o auto-reconhecimento e posterior definição da identidade quilombola através dos tramites legais, abre novas possibilidades e gera um processo de articulação.

Os encontros com os moradores das comunidades também revelaram que hoje não ocorre tantas manifestações culturais como nas gerações passadas. Embora seja marcante a presença de moradores antigos, que lá estão desde o período de sua origem. Em poucas comunidades se mantém viva as tradições herdadas dos antepassados.

Por um lado, percebe-se um processo de desarticulação da cultura, por outro destaca-se também a influência das novas relações sociais que vão se estabelecendo nestes espaços. A esse respeito Silva afirma que, embora estes indivíduos componham a memória de um passado histórico, dialogam com o hoje, logo não permaneceram estáticos no tempo (SILVA, 2008).

A abordagem contemporânea sobre quilombo nos permite compreender ainda que nestas comunidades as tradições antepassadas permanecem e são recriadas no presente. Nesse sentido, embora não seja tão intensa a presença de manifestações de caráter tradicional, estes indivíduos continuam fazendo parte daquela cultura, pois uma vez internalizados os valores culturais, não é possível deles se desfazer ainda que permaneçam ocultos.

Através das visitas e dos procedimentos metodológicos utilizados foi possível identificar que muitas comunidades desconhecem a sua história e a história da sua comunidade. Isso implica na necessidade de debruçar um novo “*olhar*” sobre essa realidade, uma vez que, se existe uma história negada, é impossível conhecê-la. Logo, uma história relativamente “nova” como a das comunidades quilombolas encontra-se em processo de reconstrução e reconfiguração a partir do processo de luta pelo reconhecimento e titulação de suas terras.

Além desse “*olhar*” sensível, perceber a diversidade e a riqueza da vida na e em comunidade demanda um exercício contínuo de libertação das “*visões*” carregadas de preconceitos, da vida/infância pobre e miserável, conforme sugerem Whitaker e Fiamengue ao discutirem as relações entre ciência e ideologia e as armadilhas do preconceito que estão postas no caminho dos pesquisadores.

Nesses contextos sociais constatamos exatamente o contrário através da presença intensa da natureza com sua riqueza e abundância, bem como da relação estabelecida com a terra que por hora se confunde com a própria existência e manutenção da vida. As histórias de vidas coletadas retratam essa valorização. Quando interrogado acerca do significado da terra dois moradores dizem:

“Pra mim tudo! Acima de Deus, tudo pra mim, por que é um lugar, lugar que está muito cultivado. É um lugar que tem muitas frutas. É um lugar bom. É uma terra boa! Muitas vezes quando está ruim, bota uma coisinha, melhora”. (Eroaldo em 04/02/2010)

“Essa terra não sei lhe explicar, [fala inaudível], é nossa vida, se nós não tivesse ela não podia existir, porque não tinha de que lavar, não tinha de prosperar, de outro assunto eu não sei, agora tem que buscar de lá pra cá pra saber. (risos).(Dona Delice em 08/02/2010)

A primeira etapa da pesquisa permitiu refletir sobre a realidade das comunidades quilombolas bem como, identificar as percepções dos adultos acerca dessa realidade e da vida na comunidade.

Dessa forma, conclui-se que o processo de socialização infantil está fortemente marcado por reconstruções de sentidos e significados acerca da identidade quilombola e é nesse contexto que se estabelecem as relações e interações dos adultos com as crianças.

A COMUNIDADE SEGUNDO “O OLHAR DAS CRIANÇAS”

Coletou-se desenhos infantis sobre temas variados em duas comunidades pesquisadas, nesse texto apresentaremos desenhos da comunidade quilombola Empata Viagem/Maraú-Ba acerca da escola, da comunidade, bem das brincadeiras que predominam no cotidiano.

A proposta de coleta de desenhos foi realizada com crianças de 1ª a 4ª série que moram na comunidade e estudam na Escola Vitório Magalhães.

Para Fiamengue (1997), os desenhos possibilitam romper as barreiras existentes entre o mundo adulto e o infantil, uma vez que oferece critérios para a análise desvinculado de uma visão adultocêntrica.

Através dos desenhos é possível “dá voz à criança”, grupo social que por conta das circunstâncias históricas teve esse direito negado.

Desenho 1 - Luana – 8 anos



Os desenhos 1 e 2 demonstram as representações que as crianças têm da comunidade, o valor da terra e sua importância para a vida dos indivíduos que ali residem.

O desenho 1 traz um mosaico que representa essa terra cheia de vida, uma vez que determina o próprio existir e viver dos moradores das comunidades quilombolas.

Estes desenhos permitem entender que para a criança a comunidade é um espaço que reúne e une os homens entre si e à natureza. Revelam ainda uma valorização da natureza através do colorido tão intenso e da diversidade dos elementos naturais, como retrata o desenho 2.

Desenho 2 –Ariele – 8 anos



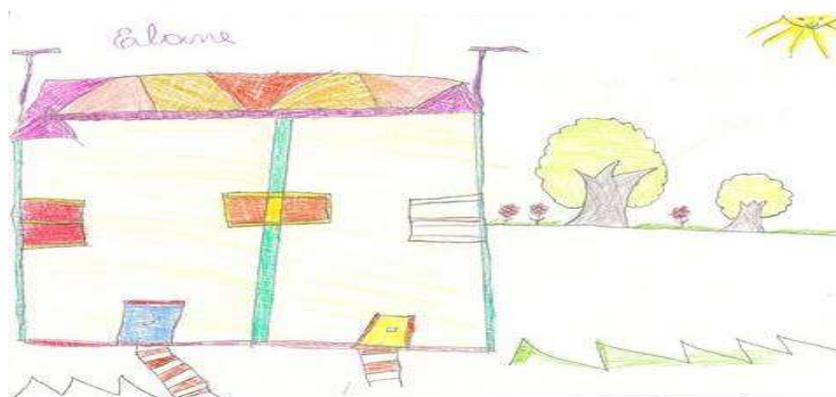
A organização das casas sugere a força das relações entre os indivíduos que residem na comunidade e a dimensão das casas que aparece neste desenho maior que a natureza demonstra como é bom e tranquilo, na visão da criança, morar na comunidade.

Em se tratando da escola, de modo geral, os desenhos retratam uma acentuada valorização da mesma como mostra os desenhos 3 e 4.



Desenho 3 – Ana Paula - 13 anos

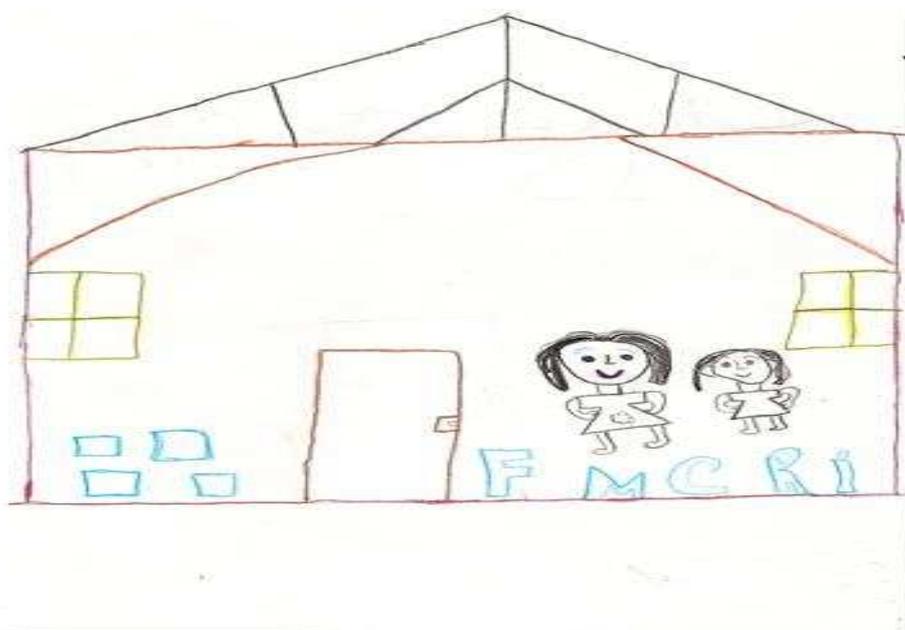
Desenho 4 – Elane – 10 anos



Tal como é possível observar no desenho 3, o imaginário infantil traz uma escola grande, colorida enquanto que o desenho 4 além de revelar a valorização deste espaço demonstra que na visão da criança existe certa acessibilidade.

A riqueza dos detalhes expressa também a marca da ludicidade característica da infância. E fica claro que para as crianças não existe separação entre escola e comunidade.

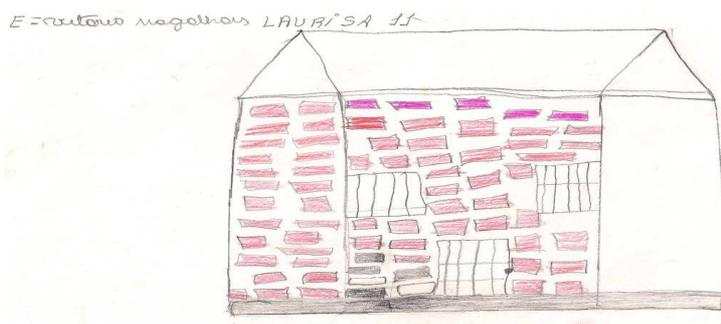
Na maioria dos desenhos chama atenção a dimensão do prédio da escola, o que expressa a importância que as crianças atribuem à mesma. O desenho 5 revela ainda a escola como um lugar de encontro e interação entre os pares, onde o processo de socialização se auto-alimenta.



Desenho 5 – Núbia – 13 anos

Embora a maioria dos desenhos traga essa representação social de uma escola grande, colorida, onde se mescla características da própria vida na comunidade, outros retratam o caráter dicotômico da mesma como os desenho 6 que apresenta uma organização interna tradicional e a forte presença das grades.

Desenho 6 – Laurisa – 11 anos





Desenho 7 – Robson – 7 anos

Na maioria dos desenhos coletados predomina a ausência dos seres humanos. Poucas vezes as crianças aparecem no espaço escolar. Através do desenho 6 é possível perceber ainda como a criança se sente excluída deste espaço que não contempla as especificidades do universo infantil, logo, a escola não favorece o fortalecimento de uma imagem positiva destes indivíduos, não potencializa a cultura e nem valoriza a identidade quilombola.

Em se tratando das brincadeiras, os desenhos apresentam uma diversidade peculiar ao mundo infantil. Aparecem brincadeiras ligadas a tradições antepassadas como a brincadeira de corda, esconde-esconde, de roda, de carro, morto-vivo e outras mais contemporâneas como o futebol.



Desenho 8 – Sesnila – 10 anos

Mais uma vez predomina no imaginário infantil a diversidade que caracteriza a vida nas comunidades negras rurais. Os elementos naturais presentes no desenho 6 e a dimensão que ocupam no espaço como o sol, o céu, a árvore e a terra traz essa demonstração. As flores que arrumam os cabelos revelam o cuidado pelo mundo natural, que para as crianças tem o próprio sentido da beleza.

CONCLUSÃO

O trabalho realizado reafirma a ideia de criança como ser dinâmico, produtor de cultura e marcada pelas especificidades sociais que compõe a infância do contexto pesquisado.

Os desenhos revelam a importância das vivências na comunidade para fomentar a socialização das crianças, assim como um processo de inserção na cultura dinâmico e potencialmente determinante na definição da identidade quilombola.

Em se tratando da escola, embora seja valorizada pelas crianças, esta não tem atendido as especificidades desse público, crianças quilombolas que reúnem em si grande potencial para viabilizar uma reorganização cultural na comunidade.

Privilegiar conteúdos que tratem da história do negro, sua importância na construção da história do país, assim como viabilizar discussões voltadas para o fortalecimento de uma auto-imagem positiva e da própria identidade é o grande desafio das escolas de muitas comunidades visitadas

Se faz necessário criar as condições favoráveis para que aconteça na escola a produção de conhecimentos que garanta bases socializadoras afins à vida dos indivíduos que vivem na comunidade e conseqüentemente gere a produção e reprodução da cultura.

Nestes contextos, a escola pode contribuir diretamente para o fortalecimento da cultura e da identidade quilombola se pensada a partir das expectativas e aspirações dessas comunidades.

Os desenhos infantis retratam essa identidade quilombola em movimento e construção ao revelar a dinâmica dos processos sociais na vida da comunidade. Percebe-se claramente as mudanças e permanências que definem as novas relações que se configuram neste contexto social. Conclui-se que é através da vida na e em comunidade,

no contexto de participação que essas crianças são inseridas na cultura e elaboram suas representações.

REFERÊNCIAS

<http://www.palmares.gov.br/> Quilombo: conceito, legislação, patrimônio e certificação. Acesso em: 12 de maio 2010.

AMORIM, I.G. GERMANIG. I.: **Os Quilombolas na Bahia: Cidadania e Resgate Histórico**. Comunicação; VI SEMOC-Semana de Mobilização Científica; UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SALVADOR-UCSAL; Salvador-BA; BRASIL; Vários; SC-18: Desenvolvimento Humano e Social, 2003.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. **Quilombos na Bahia: tradição e cultura da resistência**. São Paulo: Aori Comunicação, 2006.

FERNANDES, Florestan. **As trocinhas do Bom Retiro**. In: Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. Petrópolis, Vozes, 1961. p.153-256

GEERTZ, C. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SILVA, Vera Regina Rodrigues. **A Gênese do debate e do conceito de quilombo**. In: Revista do CERU/USP, v.19, n1, junho2008. Issn1413-4519.

WHITAKER e FIAMENGUE. Ciência e Ideologia: as armadilhas do preconceito. Whitaker (org) In: **Sociologia Rural Questões Metodológicas Emergentes**. São Paulo; Letras à Margem, 2002.

WHITAKER, D. C. A.. **Cultura Escolar e Espaço Social**. In: LIMA GRANDE, M A (Org.). A Escola e seus alunos. SÃO PAULO -SP: EDUNESP,1995.